O elefante na sala da Cimeira de Haia

No plano político, continuará a NATO a contar com o compromisso americano? Este é talvez, desde a fundação, o seu momento mais crítico.

Nuno Severiano Teixeira | *Público* | 25 de junho de 2025

No final da Guerra Fria, o então secretário de Estado americano, James Baker, identificava com clareza o dilema da NATO: "A extinção ou a transformação. O *statu quo* era impossível."

A NATO escolheu a transformação. Foi uma viragem histórica. No plano político, iniciou o alargamento a leste. No plano militar, abandonou a defesa colectiva e empenhou-se na segurança global. Está hoje perante um novo dilema e, quem sabe, uma nova viragem histórica. É talvez, desde a fundação, o seu momento mais crítico. Entre o regresso da ameaça russa, a leste, e a incerteza da relação transatlântica, a ocidente.

No plano militar, já regressou à defesa colectiva da Europa. Resta a dúvida: no plano político, continuará a NATO a contar com o compromisso americano? Ou, pelo contrário, mais cedo ou mais tarde, os EUA afastar-se-ão e a NATO evoluirá no sentido da europeização? O *statu quo* parece, outra vez, impossível.

Ora, mais do que o ataque americano ao Irão, mais do que o apoio ocidental à Ucrânia, ou mesmo mais do que os 5% do PIB em defesa, esta é a verdadeira questão que ninguém quer discutir. O elefante na sala da Cimeira de Haia. E, no entanto, esta era uma oportunidade decisiva para pensar o futuro da NATO.

Desde o pós-Guerra Fria que a relação entre os dois lados do Atlântico é marcada por uma dupla contradição: os EUA pressionam os europeus a gastar mais com a sua defesa, mas resistiram, sempre, à sua autonomia estratégica; os europeus falam muito de autonomia estratégica, mas resistiram, até agora, a pagar mais para a sua defesa. Ora, tudo isto chegou ao fim. O regresso da guerra imperialista à Europa e a viragem estratégica americana do Atlântico para o Indo-Pacífico trouxeram à evidência a prioridade europeia à sua defesa. Trump fez o resto.

O *flirt* com Putin, a hostilidade à Europa e a concepção transaccional da aliança (ou pagam 5% ou não cumpro o artigo 5.º) reforçaram a incerteza e acrescentaram à prioridade a urgência de uma defesa europeia. A UE tem capacidade para fazer missões de *soft security* – gestão de crises e operações de paz –, mas não missões de *hard security* – defesa colectiva e dissuasão nuclear. E é disso que agora se trata. E é por isso que a NATO continua a ser crucial para a defesa da Europa e a autonomia estratégica europeia se deve construir não contra, mas com, não fora, mas dentro da NATO. Isto é, é tempo de construir um verdadeiro pilar europeu da NATO. Capaz de cooperar com os EUA se for do seu interesse, de actuar

autonomamente se o não for e de lançar as bases da europeização da NATO, caso a decisão americana fosse a de abandonar a organização.

E o caminho para o pilar europeu da NATO pode e deve começar desde já. Primeiro, porque há membros da NATO que não fazem parte da UE e são fundamentais para a cobertura de toda a área de aplicação do tratado: a Turquia, a Noruega e o Reino Unido, que é uma potência nuclear e a maior potência militar europeia. Segundo, porque a geração de capacidades militares pode levar décadas a construir. E, hoje, só os EUA dispõem de alguns desses activos estratégicos e os aliados europeus precisam de tempo para os construir e ganhar autonomia.

Mas um pilar europeu da NATO tem condições. Pelo menos, três. E nenhuma fácil. A primeira é económico-financeira: os célebres 5%. Entre os aliados europeus, o investimento militar varia na razão inversa da distância à fronteira russa: os que estão perto gastam muito, os que estão longe gastam pouco. Mas, como todos precisam da continuidade do empenhamento americano e essa é a condição, com um prazo maior ou menor, os europeus procurarão a engenharia financeira necessária para cumprir. Ou fingir que cumprem.

A segunda condição é de natureza militar: as capacidades. Os europeus precisam de edificar as capacidades que até agora só os americanos possuem: comando e controle; sistemas de defesa aérea; vigilância e reconhecimento; *intelligence*; e transporte estratégico. Em caso de desempenamento ou saída americana, os europeus precisam de preencher esse vazio estratégico. Mas, para edificar essas capacidades, precisam de tempo e, por isso, de negociar com os EUA um período de transição até ganharem autonomia estratégica.

A terceira condição é política e, como sempre, a mais difícil: é preciso um acordo entre americanos e europeus e entre os europeus sobre como substituir a liderança americana. Seja qual for o comunicado final da cimeira e diga Trump o que disser, o importante era que a NATO desse o primeiro passo para construir o seu pilar europeu.

https://www.publico.pt/2025/06/25/opiniao/opiniao/elefante-sala-cimeira-haia-2137687